

Cenários Socioeconômicos de Goiás

Nº 04/12

TEMA: O Trabalhador Goiano

Dia 1º de maio comemora-se o dia mundial do trabalhador. O dia do trabalhador foi criado no final do século XIX durante um congresso socialista realizado em Paris. Na ocasião as reivindicações e os protestos eram maciços e as conquistas e vitórias escassas. Entretanto, hoje há muito o que se comemorar no dia do trabalhador.

Este cenário faz uma breve caracterização do trabalhador goiano, especialmente ao dividi-lo por setor empregador. Ao fim do texto são apresentados alguns desafios a serem vencidos para que o trabalhador possa continuar ascendendo.

Foi na segunda metade do século XX que a população de Goiás experimentou de maneira acelerada o êxodo rural. A mecanização do campo e a implantação do modelo produtivo baseado na monocultura cessaram milhares de empregos no campo. Desde então, o trabalhador goiano viu a dinâmica do mercado econômico alterar a natureza dos postos de trabalho. Com o crescimento das cidades e o aumento da urbanização todos os setores da economia sofreram profundas alterações e as atividades laborais deixaram de ser desenvolvidas no campo para ocupar predominantemente as áreas urbanas.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD – IBGE) em 2009 a população ocupada do Estado de Goiás representava 48,54% do contingente populacional. A população ocupada do Brasil não ultrapassa 46% da população, entretanto, quando se observa países europeus nota-se que a população ocupada chega a superar a casa dos 70%.

O trabalhador goiano tem majoritariamente apenas 1 emprego. Em 2009 mais de 95% dos trabalhadores trabalhavam em um único trabalho, 3,88% tinham dois empregos e 0,27% dos trabalhadores empenhavam sua força de trabalho em três ou mais atividades.

O trabalhador goiano está entrando cada vez mais maduro ao mercado de trabalho. Ao observar a Tabela 01 verifica-se que mais de 84% dos trabalhadores ativos em 2009 com idade igual ou superior a 65 anos começaram a trabalhar com menos de 15 anos de idade. Esse grupo que entrou no mundo do trabalho em idade escolar teve sua escolaridade comprometida detendo uma baixa qualificação profissional e, por conseguinte, alcançando menores rendimentos. Em termos ideais, o jovem trabalhador deveria ser inserido no mercado de trabalho após a formação universitária ou no mínimo após a conclusão do Ensino Médio. Os dados já mostram que os grupos etários mais novos têm entrado no mundo do trabalho cada vez mais tarde – fator positivo. No grupo etário com idade igual ou superior a 65 anos mais de 35% iniciaram suas atividades laborais com menos de 10 anos, no grupo com idade entre 35 a 64 anos esse percentual cai para 20%, no grupo com idade compreendida entre 25 e 34 anos este índice atinge 9,58% e no grupo etário dos 16 a 24 anos tem-se que apenas 4,72% do grupo começaram a trabalhar com menos de 10 anos de idade.

A adesão a sindicatos em Goiás também é baixa. Apenas 10,52% da população empregada estão associados a algum sindicato. No Brasil este índice é superior a 17%.

Para ir ao trabalho 69,19% dos goianos precisam de até 30 minutos para sair de casa e chegar ao local de trabalho. Ainda de acordo com a PNAD mais de 18% dos trabalhadores goianos precisam de 30 minutos a 1 hora para chegar ao trabalho, pouco mais de 10% gasta entre 1(uma) e 2 (duas) horas para chegar ao posto de trabalho e apenas 1,71% precisa de mais de 2 horas para chegar ao emprego. Apesar do tempo de deslocamento ser ainda pequeno ele já é maior que a média nacional.

Cenários Socioeconômicos de Goiás

Nº 04/12

Tabela 01 – Faixa de idade que o trabalhador goiano começou a trabalhar por grupo etário – Goiás - 2009

Faixa de idade que começou a trabalhar	Grupo Etário Pesquisado - Goiás - 2009			
	16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 64 anos	65 anos ou mais
Até 9 anos	4,72%	9,58%	20,22%	35,04%
10 a 14 anos	32,62%	43,69%	47,00%	49,85%
15 a 17 anos	39,11%	27,76%	18,45%	9,06%
18 a 19 anos	18,56%	10,41%	7,15%	1,81%
20 a 24 anos	4,99%	6,51%	4,47%	2,11%
25 a 29 anos	-	1,70%	1,16%	0,91%
30 anos ou mais	-	0,35%	1,54%	1,21%
Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: PNAD/IBGE

Elaboração: Sepin/Segplan-Go, 2012

Se em meados do século passado a população ocupada estava concentrada no setor primário, agora esse setor absorve uma mínima parcela de trabalhadores. De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2010 de todos os empregos formais do Estado de Goiás apenas 6,22% pertenciam ao setor agropecuário (que também inclui a extração vegetal, a caça e a pesca). O setor agropecuário deteve em 2010 mais de 81 mil postos de trabalho. Desde total, 85,24% foram preenchidos por homens e apenas 14,76% por mulheres. A média salarial do setor agropecuário foi em 2010 de R\$1.001,80 e a faixa etária mais empregada neste setor compreende os trabalhadores com idade entre 30 e 39 anos. A idade média do trabalhador no setor agropecuário é de 36 anos (a mesma idade da média geral do trabalhador goiano). Quanto ao tempo de permanência no emprego, o trabalhador agropecuário possui valor abaixo da média estadual: 30,8 meses na agropecuária contra 53,1 meses na média estadual geral.

O setor que mais emprega em Goiás é o setor de Serviços com 344.577 postos – o que representa 26,23% de todos os trabalhos formais em Goiás no ano de 2010. Neste setor há maior igualdade na ocupação das vagas entre homens (53,88%) e mulheres (46,12%). A média salarial no setor que mais emprega goianos é intermediária se comparada aos demais setores: R\$1.223,68. O tempo de emprego é abaixo da média estadual: são 39,8 meses de permanência média do empregado nos postos de trabalho do setor de serviços. A idade média do trabalhador é inferior a média estadual: 34 anos.

Em 2010 a administração pública empregou 25,76% dos trabalhadores goianos (338.436 trabalhadores). Neste setor há hegemonia feminina na ocupação dos postos laborais (61,89% de mulheres contra 38,11% de homens). A média salarial da administração pública é a terceira maior do estado (R\$1.886,32) e a permanência no serviço é a segunda maior: o tempo médio do trabalhador era em 2010 de 112,6 meses (a média geral do trabalhador goiano é de 53,1 meses). A média de idade do trabalhador também é a segunda maior dentre todos os setores pesquisados: 41 anos.

O setor de comércio emprega aproximadamente 19% dos goianos formalmente ocupados sendo 152.437 homens (60,69%) e 98.722 mulheres (39,31%). A média salarial é a mais baixa dentro de todos os setores. O trabalhador recebe em média R\$938,98 pelos serviços prestados. Mais de 96%

Cenários Socioeconômicos de Goiás

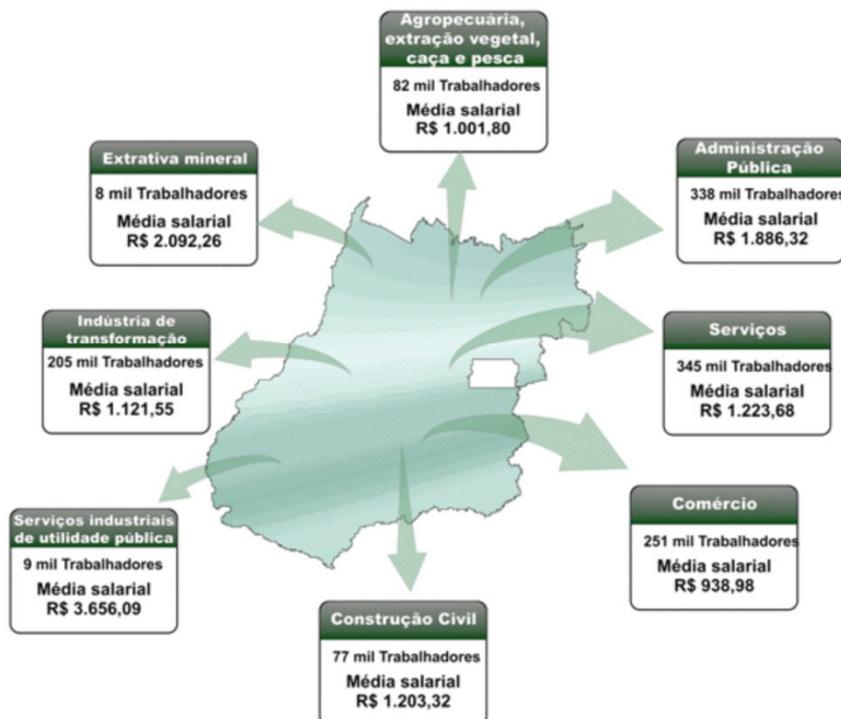
Nº 04/12

dos contratos celebrados no comércio são de 41 a 44 horas semanais. Entretanto, a menor média etária encontrada está neste setor: 31 anos. Mas o tempo de emprego é um dos menores (em média apenas 25 meses).

A indústria de transformação empregou em 2010 mais de 15% dos trabalhadores de Goiás. Do total de 204.593 postos de trabalhos ocupados a grande parte (69,77%) ficou com os homens. A média salarial no setor está abaixo do valor médio pago ao trabalhador goiano. Com um salário médio de R\$1.121,55 a indústria de transformação amarga um dos piores salários, perdendo apenas para o setor agropecuário e para o comércio. A média etária é a segunda menor do estado (32 anos) e o tempo médio de emprego é de 30,6 meses.

O setor da construção civil representou 5,82% dos postos de trabalho formais. A participação feminina neste setor, de 7,01%, é a menor comparada aos demais setores. Assim, 71.141 homens trabalhavam neste setor em 2010 contra 5.363 mulheres. A média salarial também é baixa (R\$1.203,32 na construção civil contra R\$3.656,09 nos serviços industriais de utilidade pública). Quanto à idade, os trabalhadores apresentam em média 36 anos de idade e pouco mais de 15 meses de tempo de emprego – é a menor média de tempo de emprego dentre todos os setores.

Setores da economia goiana e a distribuição dos postos de trabalho - Goiás 2010



Fonte: MTE/RAIS - 2010

Os serviços industriais de utilidade pública (envolvem saneamento básico, geração e distribuição de energia elétrica, por exemplo) empregam apenas 0,68% dos trabalhadores goianos. Os homens são maioria com 7.702 postos preenchidos (85,69%) contra 1.286 ocupados por mulheres (14,31%). Este é o setor com maior média salarial: R\$3.656,09. Este valor chega a ser quase três vezes maior que a

Cenários Socioeconômicos de Goiás

Nº 04/12

média estadual. Por conseguinte, este setor detém a maior média de tempo de emprego registrada (144,6 meses contra 15,1 meses da construção civil e 25 meses do setor de comércio) e também a maior média etária: o trabalhador dos serviços industriais de utilidade pública tem em média 43 anos de idade.

Tabela 02 - Média salarial, idade média, média do tempo de emprego e percentual dos trabalhadores por setor - Goiás - 2010

Setores	Remuneração média (R\$)	Idade média (anos)	Média do tempo de emprego (meses)	Percentual dos trabalhadores
Agropecuária,	1.001,80	36	30,8	6,22%
Administração pública	1.886,32	41	112,6	25,76%
Serviços	1.223,68	34	39,8	26,23%
Comércio	938,98	31	25,0	19,12%
Construção Civil	1.203,32	36	15,1	5,82%
Serviços industriais de Utilidade Pública	3.656,09	43	144,6	0,68%
Indústria de transformação	1.121,55	32	30,6	15,57%
Extrativa mineral	2.092,26	35	49,3	0,59%
Total	1.330,82	35	30,8	100,00%

Fonte: MTe/RAIS

Elaboração: Sepin/Segplan-go

Por fim, o setor que menor emprega em Goiás é o da extração mineral. São quase 8 mil trabalhadores (92,37% homens e 7,63% mulheres) o que representa 0,59% dos trabalhadores formais de Goiás. Em média o trabalhador da extração mineral recebe R\$2.092,26 mensais – a segunda maior média salarial por setor em Goiás. Os trabalhadores possuem em média 35 anos de idade. Quanto à média de tempo de emprego, esta registrou em 2010 49,3 meses – pouco menor que a média estadual.

No universo jurídico muitas já são as conquistas dos trabalhadores. Mas os desafios práticos ainda são grandes:

- Retardar a entrada do trabalhador no mercado de trabalho evitando que crianças e adolescentes sejam inseridos em idade escolar
- Investir em qualificação técnica e profissional
- Incentivar maior adesão do trabalhador aos sindicatos e associações
- Reconhecer e valorizar a escolaridade no âmbito profissional
- Desenvolver o sistema de transportes para que o tempo gasto na locomoção para o trabalho não atinja níveis de estados como São Paulo.